

ALUNOS CORROBORANDO A CONSTRUÇÃO DA MASCULINIDADE HEGEMÔNICA NO DISCURSO ESCOLAR*

Lívia Aparecida de Almeida e Sousa
(Universidade Federal do Rio de Janeiro
(IC-CNPq/PIBIC))

ABSTRACT: This paper analyzes the operation of the structures of discursive co-construction of masculinities, drawing attention to the students' interactional positioning in conversations. This ethnography-based research uses data collected from a public school in the city of RJ. The results show the existence of power relations among the boys in the classroom discourse.

KEYWORDS: Identities; discourse; positioning; interactional domain, power relations.

0. Introdução:

A pós-modernidade é marcada pela visão multifacetada das identidades. Essas múltiplas identidades são construídas em nossas práticas discursivas, atravessadas por posicionamentos identitários e por relações de poder. Nos variados posicionamentos interacionais, as identidades sociais são, portanto, construídas de formas múltiplas, fragmentadas e, freqüentemente, contraditórias (Moita Lopes, 2002). Ao abordar por esse ângulo as histórias que contamos observamos que, a cada momento, “qualquer pessoa é variadamente posicionada em uma conversa” (Davies & Harré, 1990).

A análise da conversa, mostra que alguns participantes possuem maior domínio interacional do que outros, ou seja, os participantes que mais falam têm maior poder em relação aos outros. Desse modo, eles exercem um papel mais ativo na construção das identidades sociais por meio dos múltiplos posicionamentos que exercem.

Este artigo mostra como meninos se envolvem na construção de suas identidades masculinas, focalizando seus posicionamentos discursivos. O trabalho para a sustentação da masculinidade hegemônica será identificado em incessantes embates com as masculinidades “reinventadas” ou “destraditionalizadas” (Matos Almeida, 2001). Isso se torna mais evidente quando os participantes se referem à sexualidade e às maneiras dos meninos se comportarem. Há uma extrema vigilância sobre o corpo dos alunos para que não infrinjam os parâmetros aceitáveis do grupo social do qual fazem parte.

1. Identidades e discursos, posicionamentos, domínio interacional.

A identidade social tem sido uma questão tematizada constantemente nos últimos anos, posto que, no mundo conturbado em que vivemos, buscamos

encontrar uma visão mais unificada e segura a seu respeito, que nos proporcione maior estabilidade sobre quem somos. Contudo, a identidade é cada vez mais concebida como fragmentada, contraditória e fluida (Moita Lopes, 2002). Entende-se identidade, como sendo algo mutável que se constrói pela e na cultura, ou seja, pelas relações discursivas dos participantes na conversa.

Nos estudos sobre práticas identitárias (Moita Lopes, 2002; 2003), observam-se duas visões sobre identidades: a) a tradicional, com uma visão mais essencialista, de que a identidade é algo fixo e imutável e b) uma mais dinâmica, com uma concepção de identidade relacionada às práticas discursivas, que se encontra em construção no aspecto psicológico e sociológico. Neste trabalho adoto a segunda visão, afiliando-me à concepção socioconstrucionista da identidade por considerar o constante processo de transformação dos significados que construímos, dos posicionamentos que assumimos e das identidades que encenamos.

As múltiplas identidades sociais provêm de vários discursos, os quais se situam nas assimetrias entre os falantes. As assimetrias, em geral, são desigualdades no diálogo, ou seja, falta de regularidade e constância nas conversas (Linell & Luckman, 1991). Tais desigualdades referem-se a muitos fatores, porém destaque, neste trabalho, uma subcategoria da assimetria sob a dimensão de diversos domínios discursivos (Linell, 1990 *apud* Lopes, 2000) que é o *domínio interacional*. Tal tipo de assimetria se funda na distribuição das iniciativas e respostas entre os participantes. Desse modo, nos posicionamentos interacionais, o aluno que fornece mais iniciativas na conversa e consegue se posicionar e posicionar os outros participantes por meio do discurso é, geralmente, o que possui maior poder.

O discurso, instrumento pelo qual agimos no mundo, (re-) cria as várias identidades sociais. Entretanto, essa criação não se dá isoladamente, encontrando-se atrelada à ação conjunta dos participantes discursivos viabilizando a construção de significados “na história, na cultura e nas instituições” (Wertsch, 1991 *apud* Moita Lopes, 2002). Agir nas práticas discursivas possibilita nos posicionarmos diante de nós mesmos e dos outros de acordo com o domínio interacional do contexto. É nesse sentido que Davies & Harré (1990) entendem que, ao usar a linguagem, nos posicionamos e somos posicionados por nossos interlocutores. Assim, o posicionamento produz uma localização na conversa que constrói as múltiplas identidades sociais, possibilitando aos participantes a ocupação de múltiplas posições em determinadas situações discursivas.

Quando falamos, nos posicionamos e determinamos nossas ações; indicamos, também, como os outros se posicionam ou deveriam se posicionar. Por outro lado, esse contexto conversacional pode ser refutado pelos outros participantes e os posicionamentos podem ser invertidos (Davies & Harré, 1990) criando, assim, contra discursos. O domínio do discurso, numa interação, pode provocar a desinstitucionalização de um poder já estabelecido. Como Fairclough (1992:61) afirma, “nós não estamos meramente posicionados, de modo passivo, mas somos capazes de atuar como agentes”. Observamos, por exemplo, que num ambiente escolar, onde os alunos mais falantes conseguem dominar a assimetria interacional na situação discursiva, eles podem reproduzir ou reconstruir significados socioculturais. Aqueles que negociam suas idéias mais explicita e ativamente podem ver seus discursos ganharem maior relevância perante os colegas que os discursos do próprio professor.

Dessa forma, a interação dos indivíduos nas conversas, possibilita a reconstrução das identidades na multiplicidade de posicionamentos discursivos. Esses múltiplos posicionamentos identitários apontam para a variedade das identidades que emergem na interação dos indivíduos com outros, numa relação de troca que considera as mediações existentes na história e nas culturas de cada um (Moita Lopes, 2002).

2. Metodologia e contexto de pesquisa

A metodologia adotada no presente trabalho é de caráter interpretativista de base etnográfica (Ericksom, 1986), com o objetivo de estudar a relação entre discurso e construção das identidades.

A observação nos alunos dentro do contexto escolar e a entrevista são técnicas identificadas no enfoque etnográfico que foi utilizado na nossa pesquisa. Busca-se entender como as masculinidades hegemônicas se constroem e as definições institucionais da cultura escolar nas práticas de conversas dos alunos na sala de aula. Assim, a metodologia etnográfica parece ser mais adequada para se conhecer os eventos e os processos de construção das masculinidades mediados por posicionamentos interacionais nas práticas discursivas.

Os dados foram coletados durante o segundo semestre de 1999 em aulas de leituras de língua materna, numa turma de 5ª série do ensino fundamental de uma escola de rede pública da cidade do Rio de Janeiro. Esses dados são derivados de gravações em áudio das aulas em conversas públicas e privadas, diários de pesquisa e entrevista de foco no grupo em 10 aulas de 90 minutos cada. A turma era composta por 39 participantes, sendo 21 meninos e 17 meninas, com a faixa etária entre 10 e 12 anos de idade, e por 1 professor do gênero masculino. Na análise abaixo, focalizo conversas privadas.

3. Análise dos dados

Essa seção se destina a examinar, em duas conversas privadas entre meninos, como as masculinidades se constroem na interação em aulas de língua materna. Observo o posicionamento interacional (Davies & Harré, 1990) nas análises das seqüências. É importante ressaltar que os nomes dos participantes foram alterados por razões éticas. Busco examinar as relações de poder entre os alunos que possuem maior domínio interacional e o seu papel na construção das masculinidades.

Ao focalizar questões de poder no domínio interacional entre os alunos tento investigar as assimetrias nesta “dominação intramasculina, na qual a minoria faz a lei para a maioria” (Badinter, 1992). Por meio das práticas discursivas observo como as identidades se constroem e como essas sugerem a sustentação da masculinidade hegemônica na situação escolar.

Na primeira seqüência, demonstro como as identidades podem ser negociadas de acordo com a tomada de posicionamento dos alunos na conversa. Os alunos Marcos, André e Daniel estavam lendo um artigo de jornal por debaixo da mesa, enquanto o professor corrigia os exercícios no quadro. Divido a seqüência

em dois momentos discursivos. No primeiro, o aluno (Marcos) nega aos alunos Daniel e André a atribuição de uma masculinidade subalterna e no segundo, esse mesmo aluno exerce uma postura considerada homoerótica, que contribui para a qualificação anterior sob o ponto de vista dos dominadores discursivos (Daniel e André).

3.1. SEQUÊNCIA 1;**

“Aqueles tudo é boiola, alá”

(aula do dia 13/09/99)

- 01 **Daniel:** Viado //
 02 **André:** Viado//
 03 **Marcos:** Não é.//
 04 **Daniel:** Tu é viado.//
 05 **Marcos:** Não é.//
 06 **Alunos:** [[inint]]
 07 **Marcos:** Pô./ Aqueles é tudo boiola./ alá.//
 (...)

 08 **Marcos:** Eu fui comer feijão/ aí caiu aqui//
 09 **André:** De manhã /tu foi comer feijão. // Que isso?//
 10 **Marcos:** Que isso! / Dá uma cheirada no cangote dele.//
 11 **André:** Que que é isso!//
 12 **Marcos:** Dei umas cafungadas.//
 13 **André:** Que viagem.// Cheio de viado nessa sala./
 Um cheira o cangote do outro.//

O contexto interacional acima é fundamental para o entendimento de como as identidades são construídas nas diferenças. Divido essa sequência em dois momentos da conversa sobre o tópico “*ser viado*”. O primeiro vai da linha 01 a 07, no qual Marcos é acusado de ser “viado” pelos alunos Daniel e André. Desse modo, Marcos é posicionado como sendo “viado” por Daniel (linha 04), mas ele nega (linha 05) e refuta a acusação transferindo-a para outros. Marcos se reposiciona no discurso como não participante dessa prática homoerótica, pois não se considera membro daquele grupo no qual todos são *boiolas*. (linha 07). Como afirma Woodward (1997), a identidade é baseada na diferença, ou seja, eu não sou o outro: eu não sou “viado” porque aqueles lá são. Assim, Marcos nega a identidade homoerótica conferindo aos outros tal sexualidade subalterna.

Apesar de se posicionar como não sendo homoerótico, a sexualidade heterossexual de Marcos é novamente questionada nesse segundo momento, que vai das linhas 08 até 13. Ele relata um evento no qual ele cheira o pescoço de outro homem (linha12), apontando, assim, para um posicionamento identitário subalterno, de acordo com André, uma vez que tal posicionamento não é aceitável dentro dos padrões da masculinidade hegemônica.

Nesse momento, André acusa novamente Marcos de ser “viado” e o inclui entre os membros dos efeminados da sala de aula (linha13). Dessa forma, Marcos é reposicionado por André como sendo gay por praticar ações não permitidas na “comunidade” da masculinidade hegemônica. Observa-se, o domínio interacional de André por ele ter tido a iniciativa de questionar o comportamento

de Marcos (linha 11) e, em seguida, de posicioná-lo como um dos “viados” da sala pois Marcos cheira o pescoço de outro garoto (linha 13). Como se vê, André exerce o poder de atribuir a qualidade de homoerótico a Marcos. Isso justifica Marcos ter sua sexualidade questionada, pelo simples fato de se aproximar de um outro menino.

Assim, esses dois momentos, nesta seqüência, indicam que as identidades estão em constantes conflitos nos posicionamentos discursivos que tomamos ou nos quais somos envolvidos na conversa. Percebe-se, também, que os meninos com maior domínio interacional fazem atribuições pejorativas aos que não possuem muitas iniciativas e respostas.

Na seqüência 2, na mesma aula, observo como a competitividade nas notas escolares e a sexualidade podem contribuir na construção da hegemonia masculina. Percebo a relação de assimetria entre o aluno que obteve uma nota acima de oito, que domina a interação, e os alunos com notas inferiores, que por isso são taxados de pertencerem a uma sexualidade subalterna. Essa seqüência demonstra uma contradição com a literatura sobre masculinidades escolares. Connell (2000), por exemplo, indica que os meninos estudiosos e com melhores notas tem sua sexualidade questionada como sendo subalterna.

3.2. SEQÜÊNCIA 2

“Sentou na boneca e descansou”

(aula do dia 20/09/99)

- 01 **Leo:** Seis? /Tirou quanto?/ Seis?//
 02 **Daniel:** Ih, /sentou na boneca./ Sentou na boneca e descansou.//
 03 **Leo:** Tirou quanto,/ José?//
 04 **José:** Sete.//
 05 **Leo:** Aqui ele:/ “Ah!!!”// (risos)
 06 **Daniel:** Sentou na boneca e descansou.//
 07 (...)//
 08 **Bia:** Leo,/ tirou quanto?//
 09 **Leo:** Não recebi ainda.//
 10 **Daniel:** Aqui, /oh, oh,/ tá vendo,/ tirei 8,0.//
 11 **Leo:** Quanto você tirou,/ Daniel?//
 12 **Daniel:** Aqui,/ oh/. Tirei 8,0.//
 13 **Leo:** (risos) Calma aí.//

Nessa seqüência, a sexualidade e o conhecimento escolar estão inter-relacionados. Percebo que Daniel e Leo são aqueles que mais falam, (eles aparecem falando dez vezes numa seqüência de doze falas). A alta freqüência na quantidade de fala, de Leo e Daniel, acarreta um maior domínio interacional e acaba estabelecendo assimetrias entre os próprios alunos, pois eles criam uma “competição”, na sala de aula, com teor designativo em relação à sexualidade e a partir das notas recebidas da avaliação. Leo pergunta a nota e em seguida Daniel atribui qualidade sexual homoerótica para o aluno com a nota inferior a oito, nas linhas de 01 a 06. Os alunos que obtiveram notas abaixo de oito são posicionados como homoeróticos por meio da expressão *sentar na boneca*.

A expressão usada por Daniel “*sentou na boneca*” (nas linhas 02 e 06) faz referência a um comportamento homoerótico masculino, pois metaforicamente “boneca” diz respeito ao órgão sexual masculino. O discurso de Daniel mostra que se o aluno fracassa nas notas, que testam os conhecimentos, a masculinidade dele é subalterna. Perder nessa competição significa assumir posição de fragilidade, que é uma das características femininas. Sendo assim, a competitividade e a “vitória”, qualidades fortemente masculinas, vêm refletir a construção da masculinidade hegemônica, que atribui à ação de “*sentar na boneca e descansar*” aos alunos que não obtiveram notas superiores a oito, ou seja, não atingiram o padrão imposto por Daniel.

O aluno José, ao falar sua nota sete, é posicionado por Leo e por Daniel como aquele que sentou na boneca e descansou (linhas 03, 04, 05 e 06). O silêncio de José retrata o acumamento dele diante de tal atribuição realizada por Daniel. O riso emitido por Leo demonstra a vontade dele em querer se distanciar do posicionamento daqueles que *sentam na boneca*. Leo, ao sorrir, se posiciona como aquele que não tira nota inferior nem tem sua masculinidade questionada, ou seja, Leo não senta na boneca.

Após alguns instantes, Leo é interrogado para dizer sua nota e ele se esquivava da resposta, nas linhas 08 e 09. Já Daniel faz questão de expor o mérito da nota oito, como observamos nas linhas 10 e 12. Como afirma Muraro (1991:72), a palavra fracasso fica fora de cogitação no universo masculino e a lei do domínio público é a competitividade. Desse modo, a competitividade aqui não se limita apenas na rivalidade dos alunos referente às notas, mas principalmente na atribuição sexual vinculada a elas, que indicará o fracasso se os paradigmas da cultura não forem atendidos.

Os alunos Daniel e Leo riem e satirizam aqueles que tiram notas inferiores a oito, principalmente quando são os meninos. Leo, ao comentar sobre as notas dos alunos, os posiciona como sendo participantes do grupo da masculinidade subordinada, com notas baixas. A evidência mais relevante do domínio discursivo realizado por Daniel em relação aos demais alunos é a exposição da nota como um troféu simbolizando a hegemonia masculina. Desse modo, o aluno Daniel é aquele com maior poder no discurso e é também aquele que mantém a relação de assimetria entre os outros participantes.

4. Considerações finais:

Nas interações que os alunos desenvolvem na sala de aula, vai se estruturando um controle de relações que eles mesmos efetivam. Os alunos desenvolvem, a partir de si mesmos, um modo de interagirem e constroem significados que geram visões compartilhadas do mundo. É assim que eles se constituem como sujeitos sociais por meio das práticas discursivas cotidianas, formando suas identidades sociais.

As seqüências apresentaram os alunos em ação construindo a masculinidade no discurso escolar. A análise mostrou que esses alunos, por meio do discurso, constroem enunciados com grande carga significativa. Constata-se a coexistência de múltiplas identidades se sobrepondo, sendo construídas nos posicionamentos interacionais. As masculinidades, como identidades socioconstruí-

das, possuem múltiplas representações. No caso da masculinidade hegemônica, ela é uma idealização que os alunos tentam alcançar em seus discursos, embora, muitas vezes se contradigam.

A análise da seqüência 1 ressaltou as negociações das identidades. Observei esse caráter conflituoso da construção identitária quando o aluno Marcos, no primeiro momento da interação discursiva, se posiciona diante dos outros alunos, negando a atribuição homoerótica e transferindo-a para o outro. Já no segundo momento, relata um episódio que compromete sua sexualidade heterossexual ao se aproximar para cheirar o pescoço de outro menino. Vemos aqui em uma mesma aula, o participante (Marcos) sendo posicionado como homossexual pelos alunos Daniel e André em dois momentos, no primeiro ele contesta a atribuição homoerótica já no segundo se silencia.

A análise da seqüência 2 destacou o modo como a masculinidade hegemônica se constrói na competitividade nas notas escolares. Essa, por sua vez, encontra-se relacionada ao valor numérico das notas com a postura sexual dos participantes. O “líder” Daniel atribui qualidade sexual subalterna aos alunos com notas inferiores a oito. Observo que os alunos reafirmam os conhecimentos morais do senso comum. Daniel vigia os corpos, disciplinando-os dentro do modelo burguês, que considera a sexualidade homoerótica pejorativa e inferiorizada.

Essas seqüências mostram, assim, as relações assimétricas entre os alunos, em que o aluno com maior domínio discursivo exerce maior poder em relação aos outros. Logo, a interação entre os meninos colabora para a construção da masculinidade hegemônica no discurso escolar.

REFERÊNCIA BIBLIOGRÁFICA:

- ALMEIDA, Miguel Vale. de. *Senhores de si. Uma interpretação antropológica da masculinidade*. Lisboa: Fim de século, 1995.
- BADINTER, Elisabeth. *XY: sobre a identidade masculina*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1992.
- CONNELL, Robert. *The man and the boys*. Berkley: University of California Press, 2000.
- DAVIES, Bronwyn & HARRÉ, Rom. Positioning: the social construction of selves. *Journal for the Theory of Social Behaviour*, 20: 43-63, 1990.
- FAIRCLOUGH, Norman. *Language and Power*. London: Longman, 1989.
- FREDERICK Erickson. Ethnographic description. In *Sociolinguistics*. Berlin/ New York; Walter de Gruyter: 1081-1095, 1988 .
- FETTERMAN, David M. Etnograph Step by Step. In *Applied Social Research Methods Series*, Vol. 17. SAGE Publication, 1989.
- FOUCAULT, Michael. *Microfísica do poder*. 14º ed. Organização e tradução Roberto Machado. Rio de Janeiro: Edição Geral, 1999.
- GIDDENS, Anthony. *Mundo em descontrolo*. 2ª edição. Tradução de Maria Luiza X. de A. Borges. Rio de Janeiro/ São Paulo: Editora Record, 2002.
- LINELL, P. The power of dialogue dynamics. In: MARKOVÁ, I. & FOPPA, K. (Eds.) *The Dynamics of Dialogue*. Hemel Hempstead: Harvester Wheatsheaf, 1990.

- LOPES, Anderson. O papel discursivo do professor na construção do gênero. Trabalho apresentado na XXII Jornada de Iniciação Científica, Faculdade de Letras, UFRJ, 2000.
- MATOS ALMEIDA, Marilíse Míriam de. Masculinidades: uma discussão conceitual preliminar. In MURARO, R.M. e PUPPIN, A.B.: *Mulher, Gênero e Sociedade*. Rio de Janeiro: Relume Dumará: FAEPRJ, 2001.
- MOITA LOPES, Luiz Paulo da. On being white, heterosexual, and male at school: multiple positionings in oral narratives. International Conference on Language & Gender, Lancaster, England, 2002.
- _____. *Identidades fragmentadas: a construção discursiva de raça, gênero e sexualidade em sala de aula*. Campinas, SP: Mercado das Letras, 2002.
- _____. *Discurso de identidades: discurso como espaço de construção de gênero, sexualidade, raça, idade e profissão na escola e na família*. Luiz Paulo da Moita Lopes (org.). Campinas, SP: Mercado das Letras, 2003.
- WOODWARD, Kathryn. *Identity and Difference*. The Open University, 1997.

NOTAS

* A pesquisa relatada foi desenvolvida durante meus estudos como bolsista de Iniciação Científica (CNPq/PIBIC) junto ao Projeto “Discurso, Narrativa e Construção das Masculinidades na Escola” coordenado pelo Prof^o. Dr. Luis Paulo da Moita Lopes, meu orientador, com o apoio do CNPq (523548/96-6) e FAPERJ (E-26/151.6689/2000-Programa Cientistas do nosso Estado). Os dados pertencem ao acervo do projeto.

** Os seguintes símbolos foram usados na transcrição: / - pausa curta; // - pausa longa; (...) – fala interrompida; [[inint]] – ininteligível; sublinhado – fala enfatizada.